

Introdução

1. Desenvolver a competência intercultural no ELH: fundamentação e pertinência

Crianças e jovens crescem nos países de acolhimento (e também em muitos outros lugares) em contextos cultural e linguisticamente muito heterogêneos. Esta diversidade é particularmente evidente no contexto do mundo da vida da escola, onde dificilmente se encontra uma turma em que não estão representadas mais de uma língua e culturas e onde a proporção de alunos com background migratório não se situa entre os 30, 40, 50 ou mais por cento. As turmas do ensino de língua de herança (ELH) representam uma exceção no contexto institucional da escola. Também neste contexto existem diferenças dialectais e, em parte, diferenças nacionais (por exemplo, falantes de árabe de vários países árabes), mas, no entanto, podemos falar do ELH de árabe, de turco, de albanês.

Uma tarefa central da escola é preparar crianças e jovens para a vida na sociedade. No nosso caso, isso significa: a vida numa sociedade multicultural e multilingue. Esta é uma tarefa tanto do ensino regular, como do ELH. Porém, no ensino regular, segundo o currículo, são tratados temas de acordo com o conteúdo e com as questões relacionadas com o país de acolhimento, enquanto que no ELH tratam-se aqueles que a) se relacionam com o país de origem, sua cultura e língua, e b) com a vida no país de acolhimento.

Ambos, no entanto, para cumprirem a sua tarefa, devem contribuir ativamente para a construção de um conjunto de competências que são essenciais para a vida em sociedades multiculturais e multilingues. Estas incluem, por exemplo, as competências de gestão de conflitos e tolerância, interesse e aceitação (em vez de rejeição) em relação a outras culturas e modos de vida, bem como a predisposição para reconsiderar os seus próprios valores, normas e modelos.

Para as crianças e jovens de famílias migrantes existe outro aspecto importante da competência intercultural: a orientação na e entre a cultura de origem e a do país de acolhimento. Deste campo de tensão entre as culturas e as suas normas e valores parcialmente diferentes podem surgir conflitos substanciais obstrutivos ao desenvolvimento. Neste âmbito, os professores do ELH podem dar um contributo valioso, dado que, muitas vezes, estão mais familiarizados com ambos os contextos culturais do que os professores do ensino regular. Este manual apresenta propostas de ensino em seis temas diferentes (veja abaixo) que traduzem esta valiosa contribuição do ELH. Se a sua implementação, adaptação e alargamento conduzir a aulas interessantes, estimulantes e instrutivas, o objetivo do manual é alcançado.

2. Objetivos e estrutura do manual

O presente conjunto de ferramentas apoia alunos e professores do ELH através de temas exemplificativos na construção de competências interculturais. Estas deverão permitir às crianças e jovens ser capazes de lidar com as suas próprias condições de vida e com o contexto social. O reforço da sua identidade multicultural e multilingue pode servir como um recurso valioso, quando se trata de comunicar adequadamente numa sociedade diversificada, muitas vezes contraditória e insegura, para expressar expectativas e lidar com situações de conflito.

O manual inclui seis unidades temáticas, construídas de forma idêntica. Cada uma começa com uma breve introdução e inclui sete propostas de ensino específicas, que dizem respeito a diferentes áreas de competência (veja abaixo; veja o índice no final do manual). Os planos de aula estão previstos para determinadas faixas etárias ou anos de escolaridade; no entanto, quase todos podem ser implementados com os devidos ajustes ao nível superior ou inferior.

A seleção de temas para as seis unidades teve como critério chave o ambiente e a vida real das crianças e jovens. Para apoiar os alunos nas suas atividades e na sua autoeficácia de uma forma ótima e autêntica, os planos de aula foram concebidos de modo a contemplar tanto situações de potencial de conflito, bem como oportunidades e recursos de aprendizagem intercultural, sendo tarefa transversal a todos os níveis a promoção da integração intercultural de aprendizagem. A colaboração com o ensino regular ou com outros grupos de ELH está sempre subjacente e é altamente desejável.

Apresentam-se, de seguida, as seis unidades (entre parêntesis as áreas centrais de desenvolvimento):

-
- 1 cultura e identidade:** – Igual, mas diferente! (*Promover o desenvolvimento da identidade*).

 - 2 histórias da migração** – o mundo na nossa turma (*aprendizagem biográfica*).

 - 3 as nossas línguas** – falamos mais de uma língua! (*consciência do multilinguismo como um recurso no mundo da vida de cada um*).

 - 4 comunicação intercultural** – entender-se com os outros (*capacidade de comunicação*).
-

5 conflitos: procurar soluções em conjunto (*conflito e capacidade de resolução de conflitos*).

6 democracia e direitos das crianças – vamos intervir! (*compreensão da justiça, conceito de democracia*).

Muitos destes temas referem-se a experiências muito pessoais, vivências e atitudes dos alunos. Lidar com eles no ensino exige sensibilidade, discrição da parte do professor e um clima de confiança e aceitação do outro na sala de aula. Sem esses importantes requisitos, existe um grande risco de os alunos não se abrirem e que os objetivos acima referidos não sejam alcançados, ou sejam apenas parcialmente alcançados.

3. Orientação por competências no ELH

O manual «Fundamentos e quadros de referência» trata, em detalhe, a orientação por competências como princípio importante da pedagogia atual nos capítulos 2, 5 e 9. Para tratamento do tema no presente caderno, três competências assumem importância crucial:

- A competência de percepção, aqui alargada à competência de reconhecimento: Isto envolve o desenvolvimento cognitivo, a capacidade sensório-emocional, a percepção do mundo exterior e do mundo interior com todos os sentidos, desenvolvimento de imagens interiores e perceber-se como parte dos processos de comunicação. Os aprendentes são levados a sério e reconhecidos com os seus mundos emocionais e formas de apropriação.
- Na competência de reflexão trata-se do desenvolvimento da capacidade cognitiva com ajuda da língua, isto é, abordar e refletir sobre conceitos abstratos, em contextos cada vez maiores.
- Na competência (comunicativa) de realização trata-se da capacidade de expressar o percebido e refletido através de uma ação comunicativa no seu próprio ambiente de vida. Isso permite ao indivíduo agir no seu próprio ambiente de vida e desenvolver novas formas de expressão e novas perspectivas de ação.

Segundo Holzbrecher (1999/2009; ver bibliografia) na competência intercultural trata-se de ligar o nível do sujeito com o mundo da vida e com o nível social,

para que as crianças e os jovens possam experienciar a autoeficácia. Só esta quarta categoria permite desenvolver novos padrões de percepção, reflexão e ação.

4. O conceito de mundivivência como base importante

A importância da pedagogia e a educação orientada para os mundos da vida real dos alunos foi abordada várias vezes no manual «Fundamentos e quadros de referência»; ver especialmente cap. 5 A.4 e 3 A.2.3. Claro que a orientação pelo mundo de vida também desempenha um papel central e não apenas no que se refere à interculturalidade e às competências interculturais. Este, aliás, também se aplica aos aspetos linguísticos da sociedade multicultural: multilinguismo no mundo de vida – viver em, com e entre as várias línguas – é uma realidade vivida, que deve ser discutida e avaliada (ver especificamente para esta finalidade, a unidade 3 «As nossas línguas»).

A criança do ELH como sujeito no seu ambiente de vida é sempre também um membro da sociedade. Enquanto tal, move-se nos níveis de sujeito, mundo de vida e sociedade. A estes níveis ligam-se várias situações de interseção e interação interculturais. Estas requerem aprendizagem intercultural, a gestão de processos identitários e condições da sociedade. Ao mesmo tempo, possibilitam que as pessoas se percecionem enquanto sujeitos com competência de ação e eficazes.

A secção seguinte explica detalhadamente este princípio importante.

Centração no sujeito e orientação pelo mundo de vida

As crianças e os jovens movimentam-se em contextos diferentes: família, escola pública, lazer, familiares, vizinhos, grupo de pares (amigos) etc.. Cada um destes contextos sociais constitui um pequeno mundo experiencial, com os seus próprios valores e normas; a totalidade destes constitui o mundo de vida do indivíduo. A orientação pelo mundo de vida enquanto princípio pedagógico significa a orientação pela criança enquanto sujeito no aqui e agora, com o seus conhecimentos prévios, as suas atitudes, diferentes papéis e imagens internas.

Para que as crianças se possam reconhecer como indivíduos com capacidade de ação e até mesmo como indivíduos eficazes e com a capacidade de se responsabilizarem por si mesmos e pela configuração